



FENÔMENO RELIGIOSO E CRÍTICA FILOSÓFICA EM GIANNI VATTIMO¹

Bruno Tomé dos Santos

Licenciando em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)
Membro do Grupo de Pesquisa em Filosofia da Religião (Gephir/CNPq)
bheaa123@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem como objetivo investigar o fenômeno religioso, sobretudo a partir da modernidade, sob a perspectiva do filósofo de Turim, Gianni Vattimo. No decorrer da história, várias correntes filosóficas foram surgindo e, já existente, havia a experiência do homem com o sagrado. Mesmo assim, não foram poucos os pensadores que elaboraram suas teorias objetivando diminuir ou até mesmo cancelar o espaço da religião na sociedade. O corrente texto põe em relevo a experiência religiosa enfatizando os momentos em que ela teve forte influência sobre os indivíduos na sociedade, assim como o período em que se enfraqueceu e teve de buscar a secularização e, conseqüentemente, o pensamento fraco como alternativa de sobrevivência.

Palavras-chave: Fenômeno Religioso. Pensamento Fraco. Secularização.

Introdução

É fato, que a relação homem-religião perpassa toda a nossa história. Mesmo sem a presença de instituições com dogmas solidamente constituídos, os indivíduos, em sua relação com a natureza, já demonstravam sinais de crença em algo, que estava para além das suas

1 Este artigo é fruto de uma pesquisa de Iniciação Científica vinculada ao Projeto de pesquisa “Crítica Religião e Emancipação: pontes conceituais e contrapontos em Marx e Vattimo”, no Programa BPI-FUNCAP.

experiências sensíveis. Esperavam, assim, serem atendidos (abençoados) ao realizarem a dança-da-chuva, ou castigados ao provocarem a ira dos deuses, seja nas tribos indígenas, seja nas cidades que circundavam, por exemplo, o Olimpo.

Na medida em que a humanidade foi se desenvolvendo, o modo de viver a religiosidade também foi se transformando paulatinamente. Nesse sentido, se nos atermos à divisão didática da história da humanidade, teremos de maneira mais específica, no período medievo, a religião como grande detentora do poder político e econômico da época. Todavia, com o advento da Idade Moderna, sobretudo a partir da revolução iluminista, que mudou significativamente a maneira de pensar daquela sociedade, o fenômeno religioso enfraqueceu-se, perdendo, dessa forma, sua grande influência tanto política quanto econômica de outrora. A ideia de uma ordem divina, superior, reguladora de tudo e de todos trazida pela metafísica, na qual o homem era apenas a “imagem de Deus” e este mesmo Deus o centro do universo, não era mais suficiente para responder às inquietudes e aos anseios dos modernos, que deslocaram o homem da periferia para o centro e fizeram o oposto com o deus metafísico. Apesar disso, após ambos os períodos citados, estamos hodiernamente vivendo em uma época em que é possível constatar um “retorno do fenômeno religioso” sob determinados aspectos, tais como os socioculturais e os filosóficos. Tal fenômeno, de certo modo, não teve sua aniquilação devido à crítica levantada pelos modernos. Suas bases foram sim atingidas, mas a relação homem-religiosidade ainda assim perdurou e perdura.

1 O fenômeno religioso

O advento das novas tecnologias, o avanço da ciência e os impactos causados pelas duas grandes guerras mundiais incutiram nos

indivíduos uma necessidade de se situarem existencialmente. Necessidade essa que pode ser suprida por um “cabedal simbólico” que torne a existência humana mais solidificada. É nessa perspectiva que a religião assume um papel de fundamental importância, uma vez que ela oferece um suporte místico que contribui para que o indivíduo possa situar-se enquanto religioso.

A busca por esses conteúdos simbólicos se dá de maneira difusa, isso porque não existe um centro ou um ponto de vista unívoco sobre o fenômeno religioso. No entanto, é nas religiões que o conteúdo simbólico-existencial dos homens se constitui de maneira mais sólida, com suas explicações sobre a realidade, seus ritos, suas celebrações, suas personalidades etc. Que propõe um estilo de vida leve, de abnegação, doação, um estilo de vida supostamente acessível a todos (MAIA, 2018, p. 110).

Todavia, o processo de globalização trouxe consigo, também, novos desafios, pois diferentemente dos períodos históricos anteriores, onde comumente apenas uma religião assumia o papel central na sociedade, sob os aspectos já citados, contemporaneamente estamos vivenciando uma época em que a religião tem de deixar de lado a cristalização das crenças e dogmas e abrir-se às novas exigências humanas. O homem contemporâneo não abre mão do avanço técnico e científico adquirido pela humanidade, nem da sua autonomia conquistada por meio das lutas históricas. Por outro prisma, esse mesmo homem ainda percebe a religião como responsável pelo cabedal simbólico que lhe oferece um sentido existencial. Dessa forma, a religiosidade tradicional abre espaço a uma nova experiência religiosa, causando com isso um processo de “individualização da fé”. O que resulta, também, é uma adesão ao religioso não mais por uma herança cultural, mas por conveniência. Nessa perspectiva, pode-se identificar

três traços básicos das religiões na atualidade, a saber, a privatização, o trânsito religioso e o alargamento para além das fronteiras da religião:

1) Privatização, que significa a centralidade do indivíduo autônomo capaz de escolher entre as diversas alternativas religiosas, o que tem conduzido a uma espécie de cultura de bens simbólicos; 2) o trânsito religioso entre os diferentes sistemas religiosos; 3) alargamento para além das fronteiras da religião, para outros setores da vida social, fazendo cruzar religião, economia, ciência, filosofia, ecologia, psicologia etc. (OLIVEIRA, 2013, p.11).

Vattimo sustenta que a crença pós-moderna não está ligada a um Deus no sentido “forte” da palavra, pois até mesmo nesse Deus da revelação, do Antigo Testamento, a crença se dá porque dele se ouviu falar, ou seja, com a mesma margem de incerteza de outras coisas que consideramos verdadeiras por nos ter sido ditas por alguém a quem confiamos, condicionada à amizade ou ao respeito.

Do mesmo modo, o ser também não é mais encarado como fundamento, mas como evento. Nesse contexto, o ser como evento se dá numa espécie de rememoração heideggeriana, num mergulho no abismo da tradição que resulta no enfraquecimento do ser, uma vez que sacode as pretensões de certeza com as quais as estruturas ontológicas da metafísica sempre se apresentaram (VATTIMO, 2004). Esse enfraquecimento do ser, ou o pensamento fraco,

[...] a filosofia detecta como traço característico da história do ser se chama secularização, entendida no seu sentido mais amplo, que abrange todas as formas de dissolução do sacro que caracterizam o processo de civilização moderno. (VATTIMO, 2004, p. 35).

Ademais, o fenômeno da secularização, que é a mudança entre a religião e a realidade sociocultural existente, está diretamente ligado ao retorno do fenômeno religioso. Para Vattimo, a secularização na religião pode ser identificada por meio da sua natureza *kenótica*, ou seja, a religião do amor, da abertura ao outro, enfim, da alteridade.

2 Vattimo e as razões históricas

Na perspectiva de Gianni Vattimo, o fenômeno religioso é algo positivo, diferentemente do que pregava a tradição moderna, que com seu discurso antropocêntrico buscava cancelar tal fenômeno. Todavia, o autor pontua a necessidade de a religião, de maneira geral, abdicar do seu poder, da autoridade institucional e de seus dogmas. Ademais, para Vattimo, a tentativa de afastamento da religião, ou seja, o processo de secularização é, de certa forma, um reconhecimento da ligação do homem com o sagrado antes de tal processo. Por este prisma, o retorno do interesse pelo religioso se dá, em certo ponto, pela vida real dos homens, na qual estão sempre presentes a dor, o sofrimento, a morte a realização ou não de projetos, dentre outros dilemas. Além destas indagações, há outras mais que nos confrontam com os desafios estabelecidos por questões éticas e morais, a saber, a manipulação genética ou questões ecológicas por exemplo. Acontecimentos como as guerras, sobretudo, a Primeira e Segunda Guerra Mundial, aliadas à proliferação de doenças e ao aumento da criminalidade em esfera global, são uns dos principais fatores que corroboraram para um retorno ao sagrado. O medo, independente de qual seja a sua origem, parece aproximar demasiadamente o indivíduo de uma religiosidade há muito “esquecida”.

O retorno do religioso é antes de mais nada motivado pela premência de riscos globais que nos parecem

inéditos, sem precedentes na história da humanidade, e começou logo depois da II Guerra Mundial com o medo da guerra nuclear, e hoje, que este risco parece menos iminente por causa das novas condições das relações internacionais, difunde-se o medo da proliferação descontrolada desse mesmo tipo de arma e, de forma mais geral, a ansiedade diante das ameaças que pesam sobre a ecologia planetária e os receios ligados as novas possibilidades de manipulação genética (VATTIMO, 2000, p. 92).

Apesar de a experiência religiosa ter sido aos poucos esquecida pela sociedade secularizada, a fuga dos traços religiosos, sobretudo os cristãos, nada mais é do que resultado dessa mesma secularização, que, desta forma, acaba por proporcionar uma experiência religiosa autêntica, marcada por dilemas, tais como a morte, o envelhecimento, ou até mesmo as doenças, fazendo com que o homem se depare com o seu limite físico e, por consequência, busque a religião como refúgio.

Todavia, essa busca, que ocorre somente devido à limitação física ou à premência de riscos globais, além de ser oposta à racionalidade, mostra-se insuficiente por se tratar de uma forma remota de contemplar o sublime. Por isso, para Vattimo, o retorno à religião não tem como motivo somente esses fatores, como será visto a seguir.

3 A crítica filosófica

Além das razões históricas, Vattimo considerada também as questões filosóficas como responsáveis para tal retorno, sobretudo devido às “[...] transformações que ocorreram no âmbito do pensamento ocidental.” (MAIA; NICOLAU; OLIVEIRA, 2018, p. 55). Alguns paradigmas filosóficos que eram aparentemente inquebrantáveis foram-se

enfraquecendo, mostrando-se, com isso, estarem condicionados a fatores sociais, políticos e ideológicos. Desta forma, surgiu a necessidade de se pensar novamente a religião sob novas perspectivas. Para Vattimo, com o fim da modernidade e, conseqüentemente, a dissolução das correntes que consideravam ter dissolvido a religião, tais como o positivismo, o hegelianismo e o materialismo histórico, dissolve-se, também, as razões plausíveis para se dizer ateu. Por este prisma, nota-se que os discursos totalizantes, ou seja, os absolutos terrestres, dos modernos, não foram suficientes para cancelarem o discurso totalizante, ou absolutos divinos dos medievos.

Para uma compreensão plausível da explicação vattimiana no que se refere ao retorno do fenômeno religioso, é necessário também compreender a importância e influência que tiveram Nietzsche e Heidegger sobre tal autor. Pois, de início, a perspectiva vattimiana fundamenta-se na ideia nietzscheana da “morte de Deus”. E, em seguida, na “história do ser” anunciada por Heidegger. Vattimo pontua:

[...] seja como for, é daqui que parte meu discurso, que se inspira nas ideias de Nietzsche e de Heidegger sobre o niilismo como ponto de chegada da modernidade, e sobre a conseqüente (*sic*) tarefa, para o pensamento, de tomar a consciência do fim da metafísica. (VATTIMO, 1998, p. 18).

Nesta perspectiva, podemos concluir que a morte de um Deus metafísico dá lugar ao nascimento de um Deus histórico, mais próximo dos homens.

Além dos pontos supracitados, Vattimo também considera a secularização como uma das ideias diretamente ligadas ao retorno da religião. Diferentemente do que normalmente se pensa, para Vattimo a secularização não foi sinônimo do fim da religião, mas “sua plena

realização". Pois mesmo ela sendo responsável, de início, pelo enfraquecimento da religião, não provocou mudanças suficientes a ponto de pôr um fim definitivo ao fenômeno religioso. Ademais, para ele o processo de secularização da religião foi, na verdade, uma plena realização de sua verdade, que é o que ele chama de *kénosis*, ou seja, "o rebaixamento de Deus, o desmentir dos traços 'naturais' da divindade" (VATTIMO, 1998, p. 39).

A secularização como fato positivo significa que a dissolução das estruturas sagradas da sociedade cristã, a passagem de uma ética da autonomia, a laicidade do Estado, a uma literalidade menos rígida na interpretação dos dogmas e dos preconceitos, não deve ser entendida como um decréscimo ou uma despedida do cristianismo, mas como uma realização mais plena da sua verdade que é, recordemo-la, *kénosis* [...]. (VATTIMO, 1998, p. 39).

Neste sentido, a *kénosis* é adotada por Vattimo como uma condição de se pensar a experiência religiosa, no período posterior à metafísica. Nessa perspectiva, muito mais do que buscar o triunfo de uma fé sobre a outra, temos de experimentar o religioso não mais pela relação com um sagrado violento, que incute a superstição e o medo no indivíduo, mas com um Deus que se esvazia por completo de sua divindade assumindo a condição humana na encarnação de Cristo.

Conclusão

O fenômeno religioso foi ao longo de vários períodos passando por muitas nuances, ora sendo a única saída encontrada pelas pessoas, para uma vida sem sentido, ora como sendo responsável por afastar o

homem do “real”, do sensível. No entanto, apesar de tantos altos e baixos, nada até hoje foi suficiente para eliminar de vez a religião do meio social. Todavia, já não é mais possível dizer que a experiência religiosa se configura tal qual nos períodos passados. Para Vattimo, as instituições religiosas estão defrontando-se como uma nova realidade, a saber, a da diversidade e do pluralismo religioso. Neste contexto, os discursos totalizantes ou absolutos divinos, que na Idade Média eram usados pelos cristãos colocando um Deus ético e moral como a causa primeira e última de todas as coisas, que Vattimo considera como discursos violentos, já não mais têm espaço na realidade que se configura e, com isso, é necessário por parte das instituições religiosas abrir mão de determinados preceitos a fim de que elas continuem a existir e influenciar nosso meio.

Só é possível compreender essa nova realidade que Vattimo nos apresenta a partir do anúncio do “fim da metafísica” e da “morte de Deus”, proferidos por Heidegger e Nietzsche, respectivamente. O retorno do fenômeno religioso é retorno apenas em parte, tendo em vista que a experiência religiosa, a ligação homem/religião, é a mesma, mas o modo de viver essa religiosidade é diferente. Um deus morre, era este um deus absoluto, criador de todas as coisas, do qual fomos imagem e semelhança, para que a partir de sua morte, do seu rebaixamento completo pudesse, nascer um novo deus, este esvaziado de qualquer aspecto metafísico, que se rebaixa à humanidade, estando, desta forma, mais próximo dela. Neste sentido, a morte de Jesus crucificado é, também, o nascimento de um período onde as bases históricas e filosóficas “violentas” encontram-se quebradas, sendo então necessário estabelecer novas bases, tendo o próprio homem como protagonista e as expressões religiosas como opção de escolha, mas não de obrigatoriedade.

Referências

MAIA, A. G. B. Fenômeno religioso, crítica filosófica e secularização. *In*: MAIA, A. G. B. (Org.). **Filosofia e religião: fenômeno religioso no mundo (pós)secular**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018, pp. 109-126.

MAIA, A. G. Brasil; NICOLAU, M. F. A.; OLIVEIRA, R. A. de. Luc Ferry e Gianni Vattimo: duas perspectivas filosóficas sobre o fenômeno religioso na contemporaneidade. **Argumentos** – Revista de Filosofia, Fortaleza, ano 10, n. 19, p. 48-61, jan./jun. 2018.

OLIVEIRA, M. A. de. **A religião na sociedade urbana e paulista**. São Paulo: Paulus, 2013. (Coleção Temas de Atualidade).

VATTIMO, G. **Acreditar em acreditar**. Trad. Elsa Castro Neves. Lisboa: Relógio D'Água editores, 1998.

VATTIMO, G. **Depois da cristandade**: por um cristianismo não religioso. Rio de Janeiro: Record, 2004.

VATTIMO, G.; DERRIDA, J. **A religião: o seminário de Capri**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.